

O Palácio dos Marqueses de Fronteira: um caso exemplar de recuperação do Património

†Edmundo Alves

O elevado grau de degradação atingido pelo Palácio Fronteira obrigou a uma intervenção de fundo, que teve início em 1995. A recuperação estrutural das coberturas e paredes da ala nascente, o restauro dos estuques, frescos e azulejos no interior e a reabilitação de muros de suporte e pavimentos nos jardins, foram levados a cabo ao longo de várias empreitadas adjudicadas à empresa Lourenço, Simões & Reis.



Carlos Manuel Granate, sócio-gerente da Lourenço, Simões & Reis, Lda.

Empresa com vasta experiência na recuperação de edifícios históricos, em que pontuam a Casa dos Bicos (um dos trabalhos que realizou para a XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura), intervenções em diversos palácios e museus nacionais, além de restauros de igrejas, como as de Stº António, de S. Domingos, do Beato e Sé Patriarcal, em Lisboa, ou a Sé do Funchal, a Lourenço, Simões & Reis empregou nas obras de restauro do Palácio Fronteira, o saber fazer adquirido ao longo de várias décadas. O respeito pelas técnicas tradicionais, executadas com recurso a mão-de-obra de

artesãos altamente qualificados, a selecção criteriosa dos materiais de construção e a boa coordenação entre os diversos elementos responsáveis pela obra, permitiram a execução de um trabalho de restauro cuja qualidade o tornou merecedor da atribuição do Prémio GECORPA 2000.

A *Pedra & Cal* falou com o sócio-gerente da Lourenço, Simões & Reis, Eng. Carlos Granate (CG).

P&C: *Gostaríamos que nos referisse qual o estado em que encontraram o Palácio Fronteira, e que fizesse um breve historial da intervenção por que foram responsáveis.*

CG: O trabalho foi desenvolvido ao longo de vários anos. A intervenção que fizemos foi muito gratificante, por ter sido 'de cima a baixo', isto é, começámos por fazer os telhados, as coberturas, e depois fomos recuperar as paredes. Os telhados estavam apodrecidos, tornando necessária uma intervenção de fundo, uma recuperação integral das coberturas. Deparámo-nos com um problema, pois uma mesma estrutura segurava o telhado e os tectos, e essa estrutura estava em ruína, já não aguentando nem os tectos, nem a cobertura. Não se podia deitar tudo abaixo, porque os tectos eram muito bonitos e muito trabalhados, pelo que foi preciso sustentar tudo. Em certas situações, houve que fazer uma nova estrutura metálica para segurar o tecto e outra em madeira para segurar as telhas. Esta intervenção foi muito positiva porque foi global: restaurámos telhados, tectos, paredes e pavimentos; recuperámos espaços exteriores, jardins,

muros; reconstruímos muros de suporte com cinco metros de altura sem usar um grama de cimento, pois os projectistas planearam fazer uma recuperação recorrendo às técnicas ancestrais; fizemos drenagens, tendo até que sacrificar algumas árvores antigas cujas raízes estavam a destruir muros e esgotos. Os trabalhos nos jardins, que incluíram o restauro de azulejos, escadarias e balaustradas, foram acompanhados por um arquitecto paisagista, o Arq. Mateus. Ainda hoje estamos a realizar duas obras: a recuperação do pombal e de uma pequena construção à entrada do Palácio. O trabalho mais interessante terá sido o restauro da Sala das Batalhas. Quando o iniciámos, parte das figuras de estuque que decoram as paredes da sala estavam no chão e foram reconstruídas por artistas que trabalham connosco. A sala hoje está uma perfeição – é um trabalho que pouca gente consegue realizar.



Aspecto do tecto da Sala das Batalhas durante a intervenção, sendo ainda visível o estado de degradação em que se encontrava.

P&C: *Nesta intervenção, a empresa privilegiou o uso de técnicas e materiais tradicionais?*

CG: Sim. No caso da construção do muro de suporte, que já referi, não utilizámos cimento, material moderno muito pouco usado na recuperação de monumentos. Os projectistas preferem a utilização de materiais tradicionais, como a cal hidráulica, a areia, várias composições para se obter uma certa textura. Tivemos que experimentar seis ou sete tipos de argamassa, até atingir o resultado pretendido pelo projectista, e deparámo-nos ainda com o problema da cor. As cores do Palácio são o azul e o vermelho e, para as obtermos, recorremos a técnicas antigas, ou seja, fizemos as tintas através de terras apropriadas. Fizemos seguramente sete ou oito misturas. O trabalho foi artesanal, tal como estamos habituados e gostamos de fazer.

P&C: *Tendo sido uma intervenção global, foi necessário recuperar uma grande diversidade de materiais, como estuque, madeiras, azulejos, etc. Houve preocupação em estabelecer uma linha coerente de intervenção?*

CG: Sim, e que neste caso resultou. O Arq. Victor Mestre, da DGEMN, acompanhou muito de perto os trabalhos e deu-nos uma grande ajuda.

[A atribuição do prémio GECORPA]
"É muito importante (...) por se tratar do reconhecimento do nosso trabalho por uma organização de técnicos ligados à recuperação do património."

Contámos também com a colaboração de uma especialista em azulejos, com quem estabelecemos uma boa coordenação. No que respeita à equipa da obra, engenheiros, encarregados e pessoal diverso, fizemos uma selecção criteriosa, pois para cada caso têm

que ser designados aqueles que melhor se coadunam com um certo tipo de trabalho. Tínhamos a trabalhar várias equipas distintas, realizando diversas actividades: estucadores, pintores, azulejadores, pedreiros, serralheiros, electricistas, etc.

"O trabalho foi artesanal, tal como estamos habituados e gostamos de fazer"

O próprio proprietário, o senhor Marquês de Fronteira, D. Fernando de Mascarenhas, e o representante da Fundação, Dr. Filipe Benjamim dos Santos, mantiveram connosco uma estreita colaboração. Assim, fez-se um trabalho muito satisfatório.

P&C: *Apesar de ser já longa a vossa experiência em trabalhos de restauro de monumentos, este trabalho em particular constituiu para vós um desafio?*

CG: Foi um desafio, pois estávamos perante um monumento muito bonito que se encontrava muito degradado. A nossa preocupação principal, porém, residia na inexistência de verbas para o financiamento da obra, que era de grande envergadura. Conseguiu-se, todavia, embora faseadamente, a obtenção dessas verbas, devido ao interesse manifestado pelos organismos responsáveis.

P&C: *Qual o significado para a Lourenço, Simões & Reis da atribuição do prémio GECORPA por este trabalho?*

CG: É muito importante e dá-nos grande alegria, até por ser o primeiro prémio instituído por essa organização e por se tratar do reconheci-

to do nosso trabalho por uma organização de técnicos ligados à recuperação do património.

P&C: *Actualmente, que trabalhos tem a Lourenço, Simões & Reis em curso, na área do restauro de património?*

CG: Estamos a recuperar o Convento do Carmo, cuja degradação foi acelerada pelas obras do Metropolitano. O Convento está a ser restaurado na sua totalidade, para abrir ao público com uma exposição em Maio/Junho. Recuperámos a cobertura das cinco capelas com telhados em chapa de cobre que, por reflectir a luz solar, lhes confere um aspecto interessante. Também as paredes foram recuperadas e limpas, com a preocupação de não lhes retirar a *patine*, bem como o chão e o portão principal. O monumento ficou bastante valorizado com esta intervenção. Estamos igualmente a recuperar o Convento anexo à Basílica da Estrela e que será destinado à instalação da Fundação Pro-Dignitate, onde destaco a recuperação da sala D. Maria, decorada com frescos no tecto e paredes. Iniciámos também uma intervenção no Convento dos Cardais e, recentemente, concluímos um conjunto de trabalhos no Palácio da Pena.

Fora de Lisboa, continuamos com uma intervenção já longa na Igreja do Alfange, em Santarém, que estava completamente arruinada e que tem exigido um trabalho de fundo, dadas as deficiências que o edifício apresentava. Estamos também a restaurar o Castelo de Belmonte e a sua envolvente, obra de envergadura, da responsabilidade do IPPAR, orçada em cerca de seiscentos mil contos. |